



**INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA
CAMPUS JARAGUÁ DO SUL**

**ANA CAROLINA CÂMARA FREITAS
CAMILLE CHRISTINA ANDRUKIU WILTNER
EDUARDA VOLTOLINI
FERNANDA SEBOLD
MARIA EDUARDA MORAIS
SAMANTA MAASS**

**A MEMÓRIA DOS IDOSOS SOBRE O DESENVOLVIMENTO
DE JARAGUÁ DO SUL**

**JARAGUÁ DO SUL
2019/1**

**ANA CAROLINA CÂMARA FREITAS
CAMILLE CHRISTINA ANDRUKIU WILTNER
EDUARDA VOLTOLINI
FERNANDA SEBOLD
MARIA EDUARDA MORAIS
SAMANTA MAASS**

**A MEMÓRIA DOS IDOSOS SOBRE O DESENVOLVIMENTO
DE JARAGUÁ DO SUL**

Projeto de Pesquisa do Curso Técnico em Modelagem do Vestuário (Modalidade Integrado), apresentado para o Projeto Conectando Saberes, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina.

Orientador: Prof. Isabel Cristina Hentz

Coordenador: Prof. José Roberto Machado

SUMÁRIO

1 TEMA.....	4
2 DELIMITAÇÃO DO TEMA.....	4
3 PROBLEMA DE PESQUISA.....	4
4 HIPÓTESES.....	4
5 OBJETIVOS.....	5
5.1 Objetivo geral.....	5
5.2 Objetivos específicos.....	5
6 JUSTIFICATIVA.....	6
7 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	6
7.1 A definição de idoso.....	6
7.2 A memória e suas diferentes formas.....	8
7.3 A memória dos idosos.....	10
7.4 A memória das cidades.....	11
8 METODOLOGIA.....	13
9 CRONOGRAMA.....	14
10 REFERÊNCIAS.....	15
11 APÊNDICE 1.....	16

1 TEMA

O presente Projeto de Pesquisa pretende abordar a experiência subjetiva dos idosos, estudando a memória de idosos que viveram sua juventude em Jaraguá do Sul.

2 DELIMITAÇÃO DO TEMA

A investigação buscará analisar como um grupo de idosos, composto por pessoas que viveram desde a infância em Jaraguá do Sul, narra suas memórias no que diz respeito a educação escolar, atendimento à saúde, meios de transporte.

3 PROBLEMA DE PESQUISA

Como os indivíduos que compõem um grupo de idosos que viveram desde a infância em Jaraguá do Sul, narram suas memórias de juventude quanto a educação escolar, atendimento à saúde, meios de transporte na referida cidade?

4 HIPÓTESE(S) DE PESQUISA

Entendemos, ainda que preliminarmente, possamos chegar às seguintes hipóteses:

- Os entrevistados poderão apontar que na sua juventude as estruturas de saúde, transporte e educação no município de Jaraguá do Sul eram escassas em relação ao que a cidade oferece nos dias atuais.
- Os entrevistados, em função da nostalgia decorrente da narrativa de suas memórias de juventude, irão afirmar que os serviços de saúde, transporte e educação da cidade eram mais qualificados e satisfatórios para a população jaraguaense do que na atualidade.

- Os entrevistados, em função de suas diferentes experiências de vida, oferecerão narrativas diversas, não permitindo elaborarmos generalizações quanto às características das estruturas de saúde, transporte e educação em Jaraguá do Sul.

5 OBJETIVOS

5.1 OBJETIVO GERAL:

Analisar as narrativas de memórias de um grupo de idosos que viveram desde a infância em Jaraguá do Sul, quanto a educação escolar, atendimento à saúde e meios de transporte, durante o período de sua juventude.

5.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Identificar/definir um grupo de idosos, composto por até oito (8) pessoas, que viveram sua juventude em Jaraguá do Sul.

- Compreender as diferenças entre história e memória, particularmente no que se refere às narrativas de vida de pessoas idosas.

- Resgatar as histórias e registrar as memórias desse grupo de indivíduos idosos, quando questionados sobre a educação escolar, atendimento à saúde, meios de transporte em Jaraguá do Sul, no período de sua juventude.

6 JUSTIFICATIVA

De acordo com o historiador francês Pierre Nora, os *lugares de memória* “são lugares, com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente em graus diversos” (NORA apud GUEDES JÚNIOR, 2011, p. 8), nos quais a memória individual e coletiva produz seus significados. Neste sentido, ao propormos estudar as narrativas de memória de um grupo de idosos que passou sua juventude em Jaraguá do Sul, pretende-se problematizar a forma como suas memórias individuais se articulam ao âmbito coletivo da cidade como lugar de memória. Acreditamos ser este assunto interessante, fazendo com que este projeto seja relevante para obter uma compreensão maior e mais detalhada da experiência do envelhecimento, e de interesse pois é um tópico pouco abordado, em especial, na sociedade jaraguense. Através do estudo das memórias dos idosos, abordando aquilo que Norbert Elias (2001) chamou de experiência subjetiva do envelhecimento, procuraremos problematizar as mudanças no transporte público, na saúde e educação em Jaraguá do Su

7 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

7.1 A definição de *idoso*

A pergunta “O que significa ser um idoso hoje?” não pode, em uma sociedade de rápidas transformações socioculturais como a nossa, ser respondida da mesma maneira como foi respondida até pouco. Os tempos mudaram. Assim como pode variar de acordo com o nível de desenvolvimento humano dos diferentes países. De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU), nos países em desenvolvimento são consideradas idosas as pessoas de 60 anos em diante, e em países desenvolvidos, pessoas com 65 anos ou mais.

Uma primeira questão a ser levada em conta é o uso do termo idoso. Segundo o texto “A identidade social do idoso: memória e cultura popular”, certos autores, defendem que o melhor é utilizarmos o termo velho. Outros por sua vez, até aceitam bem o termo idoso, porém opõem-se radicalmente ao uso do termo terceira idade ou melhor idade. Na legislação brasileira, é

considerada idosa a pessoa que tenha 60 anos ou mais de idade. O perfil epidemiológico da população idosa é caracterizado pela tripla carga de doenças com forte predomínio das condições crônicas, prevalência de elevada mortalidade e morbidade por condições agudas decorrentes de causas externas e agudizações de condições crônicas. A maioria dos idosos é portador de doenças ou disfunções orgânicas, mas cabe destacar que esse quadro não significa necessariamente limitação de suas atividades, restrição da participação social ou do desempenho do seu papel social.

O Brasil envelhece de forma rápida e intensa. Segundo o IBGE, (2015) a população idosa brasileira era composta por 29.374 milhões de pessoas, totalizando 14,3% da população total do país. A expectativa de vida em 2016, para ambos os sexos, aumentou para 75,72 anos, sendo 79,31 anos para a mulher e 72,18 para o homem. A legislação brasileira garante os chamados direitos do idoso, consagrados na Lei 10.741/03, também conhecida como Estatuto do Idoso:

DIREITO À VIDA Art. 8.º O envelhecimento é um direito personalíssimo e a sua proteção um direito social, nos termos desta Lei e da legislação vigente. Art. 9.º É obrigação do Estado, garantir à pessoa idosa a proteção à vida e à saúde, mediante efetivação de políticas sociais públicas que permitam um envelhecimento saudável e em condições de dignidade.

DIREITO À LIBERDADE, AO RESPEITO E À DIGNIDADE Art. 10. É obrigação do Estado e da sociedade, assegurar à pessoa idosa a liberdade, o respeito e a dignidade, como pessoa humana e sujeito de direitos civis, políticos, individuais e sociais, garantidos na Constituição e nas leis. § 1.º O direito à liberdade compreende, entre outros, os seguintes aspectos:

I - faculdade de ir, vir e estar nos logradouros públicos e espaços comunitários, ressalvadas as restrições legais;

II - opinião e expressão;

III - crença e culto religioso;

IV - prática de esportes e de diversões;

V - participação na vida familiar e comunitária;

VI - participação na vida política, na forma da lei;

VII - faculdade de buscar refúgio, auxílio e orientação.

Desse modo, mais do que nos determos ao termo a ser utilizado para designarmos esta última etapa da vida, o que parece importante é destacar que o processo de envelhecimento é um processo bastante complexo. Atualmente não podemos falar em “a velhice” ou “o idoso” em nosso país, pois na verdade o que existe hoje (neste país com tantas diferentes contradições), são diferentes formas de envelhecer. O envelhecimento é vivenciado de modo diferente por diferentes pessoas. Tudo depende da pessoa ou do grupo de pessoas idosas ao qual estamos nos referindo, pois, em um país com tantas diferenças socioculturais e econômicas entre as pessoas, as cidades, os estados e as diferentes classes sociais, o processo de envelhecimento é um reflexo desta realidade social, sendo vivenciado de maneira heterogênea e múltipla pelas pessoas que estão nesta fase de suas vidas. Essa definição do que é o idoso, ainda que limitada, será importante para abordar a memória dos idosos de Jaraguá do Sul.

7.2 A memória e suas diferentes formas

Como o objetivo da presente pesquisa é analisar as narrativas de memória de idosos que viveram sua juventude em Jaraguá do Sul, faz-se importante discutir alguns aspectos teóricos referentes ao conceito de memória e suas diferentes formas. A noção de memória, principalmente na sua designação mais habitual e cotidiana, corresponde ao processo parcial e limitado de lembrar fatos passados. A concepção de que a memória possa ser considerada como uma soma das lembranças, algo semelhante com um depósito de dados, já não é considerada adequada (BARROS, 2011, p.318). Desde o ponto de vista teórico que nos interessa, a memória deve ser definida como aquilo que um indivíduo representa como passado (BARROS 2009, p.39).

Uma vez que a memória é produzida através da linguagem, falada ou escrita, a memória abandona o campo de experiências individual e adquire a possibilidade de ser comunicada, isto é, socializada (BARROS, 2009 p.41). É importante, portanto, compreender que a memória “é

fenômeno complexo: não envolve apenas a ordenação de vestígios, como também a releitura deles” (BARROS, 2011, p.319).

Por isso, pode-se considerar que a memória possui diferentes níveis ou formas, tais como a memória individual, a memória coletiva e a memória histórica. A memória individual refere-se ao processo no qual os indivíduos utilizam sua subjetividade para realizar o ato de lembrar, embora as relações sociais condicionem o que será lembrado e como será lembrado um determinado aspecto da vida de um sujeito (BARROS, 2009 p.38). Pode-se dizer também que, sendo parte de nossa subjetividade, a memória é “ativa e dinâmica” (BARROS, 2011, p.319). A memória coletiva, por sua vez, é a memória de um grupo de pessoas, tipicamente passadas de uma geração para a seguinte, ou ainda a memória compartilhada de um grupo, família, grupo religioso, classe social ou nação. A memória coletiva pode ser definida também como um

[...] processo de registro de acontecimentos pela experiência humana, como também à construção de referenciais sobre o passado e sobre o presente de diferentes grupos sociais e sob a perspectiva de diferentes grupos sociais, ancorados nas tradições e intimamente a mudanças culturais (BARROS, 2011, p. 320).

A memória coletiva, portanto, pode ser captada não apenas na palavra escrita, mas no gesto, na imagem, nas festas, ritos, comemorações que constituem aspectos fundamentais da vida social. Por fim, a memória histórica seria aquela que é partilhada por todos os indivíduos da sociedade, independentemente do conhecimento produzido pela historiografia profissional, escrita pelos historiadores. A memória histórica é constantemente reconstruída ou reatualizada pela coletividade, através de suas novas formas de definir seu passado longínquo ou recente. A memória histórica se diferencia da memória coletiva por sua intencionalidade política, relacionada ao processo de construção de uma história oficial dos grupos sociais e nações por instituições estatais. A memória histórica está materializada, geralmente, em lugares de produção de uma certa “cultura histórica” como “os museus, os monumentos, as comemorações” (BARROS, 2009, p. 45).

7.3 A memória dos idosos

Um dos papéis sociais atribuídos à pessoa idosa é o de ser a memória coletiva dos grupos sociais a que pertence, narrando suas histórias e transmitindo seu legado cultural. Por meio de recordações e história de vida, a pessoa idosa é um construtor social e, através do seu legado, podemos ter acesso a um mundo social que possui riqueza e uma diversidade que não conhecemos e que nos é revelado através de suas lembranças narradas no presente (BOSI, 2012). Neste sentido, ao dar atenção às histórias de vida de uma pessoa idosa, obtém-se o testemunho subjetivo do indivíduo, à luz das suas experiências e da sua vida particular. Tais experiências podem refletir uma época, suas normas sociais e os valores partilhados pela sociedade nos diversos contextos históricos. Assim, por meio das lembranças podemos ter contato com as experiências vividas, e seus sentidos podem ser transmitidos ao longo das gerações influenciando do mundo atual (VALENÇA; REIS, 2015).

Ao buscar conhecer as memórias e histórias de vida das pessoas idosas através de suas narrativas, as lembranças individuais se apresentarão entrelaçadas às memórias coletiva, sendo estas propagadas ao longo do tempo (VALENÇA; REIS, 2015). A memória de uma pessoa idosa está mais bem desenhada sobre um pano de fundo mais definido do que a memória de um jovem, ou adulto, que ainda está absorvido com as lutas e contradições do presente e, por isso, em geral não se ocupa tanto com lembranças e não tem tempo para isso (BOSI, 2012). Assim, a sociedade espera dos mais jovens a produção, e dos mais idosos, a lembrança. A pessoa idosa passa, então, a ter uma nova função social que seria a de lembrar e contar para as gerações mais novas a sua história, de onde viera, o que aprenderam, viveram e experimentaram ao longo dos anos vividos (VALENÇA; REIS, 2015). A memória social do idoso, que é coletiva e histórica, permite a manutenção da identidade grupal, mostrando-se como elo vivo entre gerações, transmitindo a história das experiências do passado.

Desse modo, quando a pessoa idosa narra suas lembranças sobre os lugares, os fatos, as experiências, a história de sua vida dos fatos históricos, não está apenas construindo suas memórias particulares, mas a memória coletiva do grupo ou grupos sociais onde está inserida (VALENÇA; REIS, 2015). Através das recordações da das pessoas idosas, são percebidas as transformações ocorridas no espaço, na história, nas intuições, nos papéis sociais e no imaginário social (BOSI, 2012). As relações do passado se tornam presentes por meio das lembranças, e o

idoso é peça fundamental na transmissão dos valores e crenças de uma geração. Ao procurar conhecer a história de vida da pessoa idosa, podemos identificar as transformações vivenciadas com o envelhecer, ter acesso a suas expectativas, dilemas e episódios marcantes em sua trajetória de vida. Ou seja, ao se ocupar do passado, repensar suas experiências, o idoso reconstrói sua identidade (VALENÇA; REIS, 2015).

Portanto, diante dos propósitos do presente Projeto de Pesquisa, é importante ressaltar que ao entrevistar um idoso damos a oportunidade de eles se abrirem conosco expondo sua vida, suas diversas experiências e suas memórias, que não são apenas individuais, mas coletivas e históricas.

7.4 A memória das cidades

A cidade é um produto de muitos agentes que atuam no sentido de modificar o espaço. Não podemos observá-la apenas como um objeto percebido unilateralmente por sujeitos de diferentes classes, valores e sentimentos, mas como um objeto que, apesar de se apresentar estável, está sempre se modificando ou, ao menos, tentando se modificar através dos embates internos (GUEDES JÚNIOR, 2011, p. 8). Nossa relação com um determinado espaço é construída pela forma como vivemos, da relação que estabelecemos com ele, pelas coisas que nele fazemos, como o fazemos e com quem fazemos. O espaço é recriado na nossa memória individual e coletiva pelos afetos, sensações e ideias. O espaço urbano, neste sentido, é como um registro de práticas sociais, preservada nas memórias e nas memórias coletivas. A cidade pode, portanto, também ser definida como um espaço de memória:

Para analisarmos um momento da produção destas memórias sociais sobre o espaço, precisamos pensar nas cidades como espaço de memória, ou seja, as cidades são, portanto, espaços de memória que assumiram e assumem para as sociedades papel de locais de referência, depositários das lembranças do passado e dos desejos do próprio futuro” (GUEDES JÚNIOR, 2011, p. 8)

Sendo assim, a cidade pode ser compreendida como um ponto de ancoragem das memórias: lugares em que nós reconhecemos, em que vivemos experiências familiares ou, pelo contrário, espaços existentes em um outro tempo e que só tem sentido em nosso espírito porque

narrados pelos mais antigos, que percorreram no passado. A valorização do passado das cidades é uma característica comum às sociedades contemporâneas. Em nosso país esse movimento também ganhou força nas últimas décadas, refletindo uma mudança significativa nos valores e atitudes sociais. Depois de um longo período em que só se cultuava o que era novo, um período que resultou num ataque constante e sistemático ao antigo, atualmente o cotidiano urbano brasileiro vê-se invadido por discursos e projetos que pregam a restauração, a preservação ou a revalorização dos mais diversos vestígios do passado. A justificativa apresentada é invariavelmente a necessidade de preservar a “memória urbana” (ABREU, 1998):

Para dar conta dessa tendência atual, inúmeras explicações vêm sendo oferecidas pelos mais diversos autores. Algumas delas enfatizam as transformações que já vêm ocorrendo no imaginário ocidental há algumas décadas. Outras dão ênfase à velocidade eletrizante do período atual de globalização, que tem dado origem a uma busca ansiosa de referenciais identitários por parte das sociedades. O passado é uma das dimensões mais importantes da singularidade. Materializando a paisagem, preservado em “instituições de memória”, ou ainda vivo na cultura e no cotidiano dos lugares, não é de se estranhar, então, que seja ele que vem dando o suporte mais sólido à essa procura de diferença (ABREU, 1998, p. 77).

Neste processo de reconhecimento da importância da memória urbana, o passado das cidades brasileiras está sendo revalorizado e a preservação do que sobrou das paisagens urbanas anteriores é um objetivo que vem sendo perseguido por inúmeros agentes. A memória urbana é atualmente reconhecida como um elemento fundamental da constituição da identidade de um lugar. Essa memória, no entanto, não está registrada apenas na paisagem, nos prédios e monumentos, na medida em que a memória é uma categoria psicológica que diz respeito à capacidade de armazenagem e conservação de informações. A vivência da cidade dá origem a inúmeras memórias individuais e coletivas, que podem ser bastante distintas umas das outras, mas que têm como ponto comum a aderência à essa mesma cidade. Nem todas as memórias coletivas urbanas conseguiram ser registradas. Muitas perderam-se no tempo, o que faz com que os vestígios do passado que subsistiram na paisagem ou nas instituições de memória sejam apenas fragmentos das memórias coletivas que a cidade produziu (ABREU, 1998). Desse modo, a presente investigação buscará justamente analisar a memória urbana de Jaraguá do Sul através narrativas de idosos que passaram suas respectivas juventudes na cidade, pois pretende-se

reconstituir fragmentos dessa memória urbana através da memória individual e coletiva que poderá ser registrada através das entrevistas com os idosos.

8 METODOLOGIA

O grupo de entrevistados será constituído por até oito (8) pessoas idosas, ou seja, com 60 anos de idade ou mais, que viveram suas respectivas juventudes em Jaraguá do Sul. Os idosos entrevistados serão selecionados por meio de convite realizado pelas integrantes do grupo, tendo por base suas relações sociais com pessoas idosas das comunidades em que residem na cidade.

As perguntas serão feitas por meio de entrevista, “consiste no desenvolvimento de precisão, focalização, fidedignidade e validade de certo ato social como a conservação” (LAKATOS; MARCONI, 1991, p.196), por forma de método qualitativo; “pesquisa qualitativa é um método de investigação científica que se foca no caráter subjetivo do objeto analisado, estudando as suas particularidades e experiências individuais, por exemplo”. As entrevistas serão realizadas por membros da equipe, através de um questionário composto por questões abertas:

As perguntas abertas são exploratórias por natureza e oferecem aos pesquisadores dados avançados e qualitativos. Em suma, elas proporcionam ao pesquisador a oportunidade de obter insights sobre todas as opiniões relacionadas a um tema com o qual ele não tem familiaridade. (<https://pt.surveymonkey.com/mp/comparing-closed-ended-and-open-ended-questions/>)

As entrevistas serão gravadas e depois transcritas, para que nenhum aspecto das narrativas de memória dos idosos seja perdido. Todos os participantes irão receber um termo de consentimento livre e esclarecido, assinaram dando seu consentimento para que seu nome possa aparecer se necessário em alguma parte do trabalho. Segue uma primeira versão do questionário na APÊNDICE 1.

10 REFERÊNCIAS

ABREU, Maurício. **Sobre a Memória das cidades**. Revista da Faculdade de Letras- Geografia I. Série, Vol. XIV, Porto, 1998, P. 77-97.

BARROS, José. **Memória e história: uma discussão conceitual**. Rev. Tempos Históricos, V.15, 1ºSemestre de 2011, p. 317-343.

BOSI, E. **Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos**. São Paulo: Companhia de Letras, 1994
 _____. **História e Memória – Uma relação de confluência entre tempo e espaço**. MOUSEION, vol. 3, n.5, Jan-Jul/2009.

BRASIL. **Estatuto do Idoso**. Brasília: Presidência da República, 2003.

ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos. Seguido de "Envelhecer e morrer"**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2001.

ESTATUTO DO IDOSO. Ministério da Saúde. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/estatuto_idoso_2ed.pdf>. Acesso em: 26 mai. 2019.

FREITAS A., Silvana; COSTA J., Maria. **A Identidade Social do Idoso: Memória e Cultura Popular**. Conexão UEPG. v.7, n.2 (2011).

GUEDES, Antonio Junior. **Entre o tempo e o espaço: cidade e memória social**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História- ANPUH, São Paulo, Julho de 2011.

LAKATOS, Eva; MARCONI, Marina. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 1991.

PERGUNTAS FECHADAS X PERGUNTAS ABERTAS. SurveyMonkey. Disponível em: <<https://pt.surveymonkey.com/mp/comparing-closed-ended-and-open-ended-questions/>>. Acesso em: 02 junho 2019.

PESAVENTO, Sandra. **História, memória e centralidade urbana**. Rev. Mosaico, V.1, N.1, P.3-12, Jan./Jun., 2008.

ROLDÃO, Flávia Diniz. **O QUE SIGNIFICA SER IDOSO HOJE**. Nota10. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/estatuto_idoso_2ed.pdf
<http://www.nota10.com.br/Artigos-detahes-Nota10_Publicacoes/7757/o_que_significa_ser_idos_o_hoje_>. Acesso em: 28 mai. 2019.

SAÚDE DA PESSOA IDOSA: PREVENÇÃO E PROMOÇÃO À SAÚDE INTEGRAL. Ministério da Saúde. Disponível em: <<http://portalms.saude.gov.br/saude-de-a-z/saude-da-pessoa-idosa>>. Acesso em: 26 mai. 2019.

SIGNIFICADO DE PESQUISA QUALITATIVA. Significados. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/pesquisa-qualitativa/>>. Acesso em: 2 junho 2019.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO. Uniara. Disponível em: <<https://www.uniara.com.br/comite-de-etica/termosobrigatorios/termo-de-consentimento-livre-e-esclarecido-tcle/>>. Acesso em: 02 junho 2019.

VALENÇA, Tatiane Dias Casimiro; REIS, Luciana Araújo dos. **Memória e história: dando voz às pessoas idosas**. Revista Kairós Gerontologia, 18(2), p. 265-281, São Paulo (SP), Brasil, 2015.

11 APÊNDICE 1

Identificação

Idade

Sexo

Escolaridade

Bairro em que vive

Desde quando mora em Jaraguá do Sul?

Em que bairro viveu sua infância/juventude?

Como eram as escolas de Jaraguá do Sul na sua juventude?

Como era o ensino?

Como eram os meios de transporte em Jaraguá do Sul na sua juventude?

Quais meios de transporte você utilizava?

Como eram os postos de saúde em Jaraguá do Sul na sua juventude?

Como era o atendimento oferecido?